

Separata da *Revista da Faculdade de Letras*
de Lisboa, IV série, n.º 2, 1978

A EMERGÊNCIA DA PRÉ-HISTÓRIA COMO DISCIPLINA INDEPENDENTE (1800-1847)

I. OS «INVESTIGADORES ISOLADOS», OS ARTEFACTOS
E A ANTIGUIDADE DO HOMEM

VICTOR DOS SANTOS GONÇALVES

1. Nota prévia: o nascimento de uma nova disciplina. De Frere a Picard, um período complexo. Os «investigadores isolados». As tendências.
2. Jouannet: notas biográfica e bibliográfica. Jouannet investigador.
3. Caumont: referências bio-bibliográficas. O papel da primeira síntese.
4. Picard: notas biográfica e bibliográfica. A intervenção de Picard — os *machados esboçados*.
5. Da carta de John Frere (1800) ao primeiro volume das *Antiquités* (1847).
6. Documentos (Traduções de textos de J. Frere e C. Picard, Tábua Cronológica).

I. NOTA PRÉVIA (1)

Pode dizer-se que a Pré-História, como disciplina independente, começa em 1847, data da publicação do primeiro dos três tomos intitulados *Antiquités Celtiques et Antediluviennes*, sub-intitulados *Mémoires*

(1) O presente texto foi redigido em Paris, no Verão de 1972, quando o seu A., bolseiro por três meses, efectuou pesquisas bibliográficas na *Bibliothèque Nationale* e sobre elas reflectiu. Em 1973 e 1974, uma versão dactilografada foi utilizada como instrumento de trabalho pelos alunos da cadeira de Pré-História da Faculdade de Letras de Lisboa. A presente versão retoma o texto de então, sem alterações significativas. Tal se preferiu a uma total refundição.

sur l'industrie primitive et les arts à leur origine e assinados por J. Boucher de Perthes.

Uma nova disciplina emerge desses pesados volumes *in-octavo*. A sua técnica de aquisição e manipulação de dados revelou-se, desde o início, extremamente complexa, e as exigências, cada vez mais prementes, de um maior rigor interpretativo esconderam, muitas vezes, a simplicidade do fim último: o estudo da evolução bio-cultural do Homem, desde o seu aparecimento à «invenção da escrita».

Ora se a complexidade esconde a simplicidade, como a floresta esconde a árvore, a simplicidade faz também, e por demais, esquecer a complexidade (um pouco como a árvore faz esquecer a floresta...).

O período em que se resolve a emergência da Pré-História como disciplina independente começa, assim o creio, em 1800, data da publicação de uma interessante carta do inglês John Frere.

Isolado do seu contexto, o artigo de Frere é, porém, absolutamente incompreensível. Como o seriam as curtas notícias que Jouannet publicará no *Calendrier de la Dordogne*. O mesmo para os capítulos do relatório de Schmerling, médico em Liège. No entanto, nele (rudimentarmente), nos textos de Jouannet (de forma mais longa), mas mais explicitamente nas páginas de Schmerling, encontramos formuladas, de forma iniludível, as principais questões que provocarão, simultaneamente, o «escândalo Boucher de Perthes» e o nascimento da Pré-História.

Escassos quarenta anos bastariam para tornar explosivas as retomadas intuições de Frere e Jouannet. Pouco mais de dez anos para que a recuperação das afirmações de Schmerling provocasse, a nível da *intelligentsia* europeia, uma generalizada tensão.

Casimir Picard, pouco após 1835, avançou uma inesperada «teoria do núcleo» que, em si, poderia ter representado um imenso passo em frente. Será esquecido, e de tal forma que Aufrère, na quarta década do nosso século, ao demonstrar brilhantemente a sua importância, será vítima de uma dessas «conspirações de silêncio», hoje como ontem infelizmente tão frequentes.

Tudo isto parece estranho. Sem dúvida o é. Mas não só.

Investigadores como Jouannet tanto descrevem calhaus lascados como assinam poesias significativamente intituladas «O regresso das andorinhas», «Epitáfio para um hipócrita», «Edgar ou o cão fiel»...

Vêmo-los fazer política, exercer medicina, advocacia ou administração. Músicos (de terceira ordem), pintores (maus), colecionadores

(de gosto discutível), dramaturgos (irrepresentáveis), revolucionários (inofensivos): entre todos se recrutam os primeiros a trabalhar em Pré-História.

Não se atribuem nome especial, de início, e não suspeitam sequer do alcance do que, melhor ou pior, fazem. Depois, são *arqueogeólogos*, em resumo, e sem excepção, *antiquários* (alimentados, contudo e na sua maioria, pelas Ciências Naturais).

Não há, portanto, neste período prévio, uma aplicação exclusiva a uma nova disciplina. Essa aplicação será mesmo a tal ponto recente que, ainda em 1968, e não sem uma certa má-fé, Bourdier podia perguntar quem eram, na França de então, os Pré-Historiadores. Etnólogos, geólogos, escavadores clandestinos... (2)

Curiosa situação que parece estrutural. E que encontra as suas raízes nesse período que ora nos ocupa, de 1800 a 1847, numa Europa fervilhante e inquieta.

«Ora, muitas ideias, interesses, movimentos, grupos e até actos têm, primeiro, que ser estudados em termos de probabilidade, inicialmente muito ténue, relativamente ao conjunto da sociedade. Como determinar a sua pressão a esse conjunto, como definir as correntes frágeis, ambíguas, simples «poder ser» de princípio, enunciados de sugestões, despojadas de sentido mais amplo e, no entanto, integradas num contexto e também expressão dele? Como conhecer ou definir a força das correntes ou os actos ou sinais de grupos que, pelo insucesso, se remeteram a simples probabilidades? Como distinguir historicamente as probabilidades reais das que só o futuro veio definir e delimitar? Problema essencial para a história da cultura, da opinião, da psicologia colectiva, para a história política, tecnológica, social. Como resolvê-lo? Forma particular (mas não menos importante) do choque entre a consideração dos movimentos longos, das formas estruturais, de metodologia própria e os acontecimentos concretos, as oscilações ainda não inseridas em linhas de topo, mas nem por isso menos autênticas. E, no entanto, se temos de passar de uma perspectiva de história-acontecimento para outra de história-situação

(2) Franck Bourdier, *Préhistoire de France*, Flammarion, Paris, 1967, p. 5. Recorde-se que Bourdier era «Director» na Escola Prática de Altos Estudos (Paris) e que a sua referência a André Leroi-Gourhan (*un ethnologue à Paris...*) é tão injustificada como absurda.

torna-se essencial estudar as condições menores de programação prospectiva menos viável» (3).

Interrogações extremamente úteis entre nós, onde a investigação se tem dirigido, sistematicamente, ou pelo arriscado caminho da justificação histórica, por essoutro tão fácil (e proveitoso) do enaltecimento dos feitos pátrios ou ainda pela via usual da procura dos grandes elos, numa busca meticulosa do que há de ontem no que acontece hoje.

Na verdade «...a metodologia tradicional tem aperfeiçoado os processos da história regional, da biografia, do estudo monográfico, cujo ressurgimento actual é incontestável. No polo oposto da macro-história orienta-se para uma história tipológica, onde só cabem os «tipos» realizados das situações-chave. Mas, é forçoso confessá-lo, com toda a sua utilidade e recursos de informação, esses métodos raramente têm sido eficazes para o fim em vista, pela diversidade da sua factura e pelas dificuldades em interpretar, em via de generalização, os resultados constituídos» (4).

Os caminhos do devir histórico estão, porém, cheios de desvios, ruelas tortuosas, becos aparentemente sem saída. A historiografia tradicional, pragmática por convicção ou limitação, aferrada a linhas evolutivas demasiado claras, evitou sempre os esquemas dendriiformes. Preferiu as avenidas aos impasses, o que lhe parecia autoestradas aos pequenos caminhos vicinais. O que não é difícil de compreender.

Há, porém, outras vias, para abertura de uma das quais Marc Bloch contribuiu. Cujas sequência foi garantida pelos homens que fizeram os *Annales*. Mais do que um caminho, não exactamente um método, trata-se de uma nova óptica que, não excluindo as outras, antes as completa e enriquece. Óptica ainda não aplicada, parece-me, ao nascimento da Pré-História.

(3) Cf. Jorge Borges de Macedo, *Importância em história dos métodos para detecção e isolamento de fenómenos minoritários*, p. 148 in *Novas Perspectivas das Ciências do Homem*, Editorial Presença, Lisboa, s/d (o Colóquio, cujas comunicações aqui foram recolhidas, decorreu no Instituto Superior Técnico em 1970 e incluiu intervenções de, entre outros, Joel Serrão, Armando de Castro, Barahona Fernandes, Nuno Portas e Borges de Macedo), pp. 143-155.

(4) *Idem, idem*, p. 149.

E a versão tradicional da invenção da Pré-História continua a resumir-se assim:

Os Antigos teriam isolado etapas muito anteriores à existência da Grécia e Roma. Etapas em que o uso da pedra antecedeu o do metal. Os Homens, sós e desprotegidos sobre a Terra, tinham começado por usar os dentes como arma. As unhas e as pedras também.

As «luzes» do Renascimento, o interesse «súbito» pela Antiguidade Clássica, teriam exumado esses venerandos textos e as *ceraunia* teriam sido, pela primeira vez, correctamente interpretadas.

Período confuso se lhe teria seguido. As descobertas acidentais foram-se multiplicando. Escavaram-se dolmens, em França. A «celtomania» começou. Mas só nos anos quarenta (ou trinta, conforme as versões), do século passado, a Pré-História seria inventada. Porque se a Jouannet chamaram o «avô da Pré-História», a clássica paternidade, até 1936 imputada sem discussão a J. Boucher de Perthes, nunca foi seriamente posta em causa.

Criou-se, assim, uma curiosa questão no que se refere à ascensão da jovem disciplina. E a prova de que a legitimidade teve defensores intransigentes encontra-se, talvez, no facto de L. Aufrère, o único a contestá-la, ser citado marginalmente e quase sempre de forma incompleta. As fichas que na Bibliothèque Nationale de Paris deveriam referenciar as suas obras não se encontram nos lugares devidos, não tendo o seu desaparecimento data provável. Presumo que existiram porque a exaustiva *Bibliographie de la France*, ano de 1937, refere claramente a sua cota na *Bibliothèque Nationale*. Parece, pois, que, acto extremo de legitimistas em desespero ou acidente bibliográfico a deplorar, Aufrère também aí foi mantido a distância.

E em 1956, vinte anos depois, Colin Simart, num trabalho premiado por unanimidade (*Grand Prix d'Histoire*), pôde escrever (5):

«C'était un lourd soir d'été, en 1826. Boucher de Perthes se promenait. A l'extrémité du faubourg Saint-Gilles, à droite de la route

(5) Colin Simart, *Découverte archéologique de la France*, Le Livre Contemporain, Paris, 1957, p. 13. Para o interessado, bons nacos de prosa semelhante, nomeadamente a pp. 14-21.

principale qu'il arpentait, il remarqua une carrière de sable. Tout de suite, il reconnut un banc tertiaire. Des silex, en quantité, jonchaient le sol. Il en prit quelques uns, les examina en espérant trouver des silex travaillés. Il n'en trouva pas. Mais une idée avait germiné en lui: à une certaine époque, très lointaine, l'homme avait du se servir de cette pierre facile à façonner pour en faire des outils indispensables. Idée tout à fait extraordinaire pour l'époque. Implicitement, il admettait la présence de l'homme aux temps préhistoriques. Il se trouvait en contradiction formelle avec le monde scientifique et les autorités religieuses. Peu lui importait. Cette conviction sans fondement était ancrée au plus profond de lui-même. Et ce soir d'été, passé dans les carrières du faubourg Saint-Gilles decida de sa vie.»

A citação poderia continuar. Os propósitos que se seguem são, porém, idênticos e podemos determo-nos aqui. O que importa neste texto, que considero a vários títulos exemplar, é *uma certa tonalidade*, uma distorsão em que os lugares-comuns constituem garantia sólida de boa aceitação. Vejamos:

1. *C'était un lourd soir d'été...* — descrição ambiental introdutória e necessária. A adjectivação sublinha eficazmente a singularidade do que se vai passar. Nem as pesadas tardes de verão detêm um espírito iluminado. Como veremos...
2. *Tout de suite, il reconnut un banc tertiaire* — a rapidez da descoberta (que prepara a «iluminação»), é sublinhada por uma afirmação duvidosa. B. de Perthes ignorava noções geológicas elementares. Sabemos o seu recurso sistemático aos companheiros da *Société d'Émulation*, sobretudo Ravin e Buteux. Antes de qualquer estudo, a sua atitude de recorrer a outrém é sistemática e elucidativa (não de prudência mas de efectiva ignorância).

3. *Des silex en quantité jonchaient le sol. Il en prit quelques-uns, les examina en esperant trouver des silex travaillés. Il n'en trouva pas. Mais une idée avait germé en lui: à une certaine époque, très lointaine, l'homme avait du se servir de cette pierre facile à façonner pour en faire des outils indispensables.* — O processo é aqui, ligeiramente mais complexo. A decepção superada pela «Ideia». Decepção que deriva, aliás, da verificação negativa de uma ideia pré-concebida. Quanto ao reconhecimento de pedras lascadas (em 1826) bastava ler as Antiquités (1847-1857-1864) ou a crítica de Aufrère (1936, 1937) para considerar impossível a precocidade da data proposta. Como se sabe, B. de Perthes fabricou cuidadosamente a sua própria legenda. Os seus textos autobiográficos envelhecem de largos anos os seus primeiros trabalhos. Aufrère demonstrou-o de forma indiscutível. Repeti-lo não é, pelo que se vê, supérfluo.

4. Quanto à forma como acaba a nossa citação, e que faz de B. de Perthes um corajoso herói defrontando as estruturas pré-existentes (científicas e religiosas), muito haveria a dizer. Mas podemos resumir: no plano científico houve, realmente, um choque bastante violento. As suas principais razões estão ainda, no entanto, por estudar. No plano religioso, sublinhe-se apenas que B. de Perthes era um homem profundamente cristão e se o mundo das Academias o hostiliza, tal não é posição generalizada entre a Igreja que, apesar da metempsicose defendida pelo «primeiro» pré-historiador, nunca porá em causa a sua ortodoxia. Um bispo escreve-lhe, mesmo, felicitando-o.

Se nos detivemos aqui por extenso, repito, tal deve-se ao carácter explícito de este texto. Clássico cenário montado pela pseudo-história tradicional, a dos heróis à Carlyle, dos filibusteiros conquistadores de Impérios, dos «iluminados».

Em contrapartida, e contraponto, um real em amostragem muito mais complexa.

A presente nota, e a que se lhe seguirá, não pretende apenas chamar a atenção para o que Aufrère claramente demonstrou. O seu fim principal é propor uma nova leitura do período imediatamente anterior à emergência da Pré-História como disciplina independente.

Se isolarmos, primeiro, as linhas dominantes até 1847, descobrimos facilmente que a publicação do primeiro volume das *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes* se faz num contexto rico e após uma convergência, talvez um pouco precoce, de esforços múltiplos.

E a razão porque considere *exemplar*, numa perspectiva, o texto de Colin-Simart é a mesma que nos diz que, noutra, os acontecimentos que vou referir o são também.

Não bastam, com efeito, deduções lógicas ou intuições excepcionais. Os triunfos que marcam a emergência da Pré-História e a sua progressiva consolidação fazem-se com banalidades, ou construções frágeis, mas em conjunturas propícias.

Casimir Picard poderia ter fornecido um ponto de partida de uma considerável solidez. Mas que audiência poderia ter um médico de província numa conjuntura que exigia intervenções enérgicas, suficientemente vastas para abrir uma larga frente de combate à ciência dos «sistemas» e das «academias»?

E a Pré-História nascerá da pena de um poeta do lugar-comum, de um dramaturgo falhado, de um filósofo de pacotilha. Porque a Pré-História nasce e emerge como disciplina independente com Jacques Boucher de Perthes, Presidente da *Société d'Émulation d'Abbeville*, autor dos cinco volumes intitulados *De la Création*, vasto e optimista elogio da metempsicose, exótico políptico onde se discute a natureza de Deus, a oposição matéria-pensamento ou a impossibilidade da morte. A Pré-História nasce, realmente, com esse bonapartista disfarçado, liberal nas horas vagas, antigo protegido de Paolina Buonaparte. Veremos, ora, não o seu triunfo, que noutra lugar se estudará, nem sequer o arranque veloz da recém-nascida disciplina, mas os seus abortados inícios, as tentativas frustradas, os caminhos que, uma vez abertos, ficaram por seguir. Poderemos, no entanto, falar de *investigadores isolados*? Ou consideraremos como real este período que proponho para eles, de tão definidas balizas cronológicas?

Existe uma possibilidade de opção entre duas teses aparentemente contraditórias:

1. por *investigadores isolados* deveremos entender os que trabalharam os princípios-base da futura disciplina designada Pré-História mas cujas ideias-mestras não tiveram sequência, tendo a referida disciplina partido de ponto distinto.

2. os chamados *investigadores isolados* integram-se, na realidade, numa considerável convergência de esforços visando, deliberada ou implicitamente, defender a tese da antiguidade do Homem. O seu contributo tem, portanto, em Boucher de Perthes, sequência lógica.

O que é aparentemente contraditório nestes dois pontos revela-se, porém, após atenta análise dos textos, complementar.

Porque, na verdade, as ideias-mestras dos «investigadores isolados» não tiveram sequência imediata mas o seu esforço individual contribui para o aparecimento de uma tensão propícia ao desenvolvimento de ideias semelhantes. E, de forma um pouco artificial, mas não incorrecta, eles resumem-se, mesmo, em duas tendências distintas, que suscitam polémicas de natureza francamente diversa, conquanto próxima.

A primeira tendência esboça já a troca dialéctica entre as monografias e as sínteses. A leitura de Jouannet-Caumont-Picard é fundamental. Jouannet, como principal fonte de síntese de Caumont, Picard, como o primeiro crítico da panorâmica proposta por este último. Chamei a esta tendência: *os investigadores isolados, os artefactos e a antiguidade do Homem*.

A segunda tendência, designei-a por *O Dilúvio, as Cavernas com depósitos ossíferos e a Antiguidade do Homem* e nela se integram, para o período que nos interessa, Tournal, Marcel de Serres, Schmerling. Noutra perspectiva, Buckland e Wiseman, também.

Será de escluir deste esquema John Frere?

As duas páginas publicadas no volume de 1800 da *Archaeologia* representam, talvez, a última das intuições e a primeira das constatações implicando uma meditação razoável sobre o problema. Daí a atitude que assumo ao considerá-lo o primeiro de uma nova época, a dos quase cinco decénios precedentes à invenção da Pré-História, a dos «investigadores isolados», a época que parece resumir um fracasso mas representa, na verdade, o arranque para novos campos.

Mas a questão está, como se vê, longe de se reduzir facilmente a esquemas de entendimento claro e quando refiro a complementaridade das duas explicações será necessário que, por momentos, vejamos as inter-relações entre as duas tendências que apontei e verifiquemos uma possível solução de continuidade.

A segunda das tendências referidas, *O Dilúvio, as Cavernas com Depósitos Ossíferos e a Antiguidade do Homem*, desenrola-se num plano de rara complexidade.

Podemos, evidentemente, simplificar.

Buckland, Wiseman, Tournal, Marcel de Serres, Schmerling, são integráveis em momentos de nitidez indiscutível. É, mesmo, na terceira década do século XIX que assistimos a uma densificação, um pouco inesperada, de uma problemática que começara a formular-se anteriormente. Essa densificação relaciona-se aliás com os debates e o convívio que a Sociedade de Geologia (primeiro boletim em 1831) permite. Aí encontramos Tournal, Ami Boué, Brongniart, Constant Prévost. Geólogos «oficiais» acompanhando farmacêuticos de província, o que à primeira vista surpreende. Mas a importância dos debates é tal que vemos o habitualmente silencioso Schmerling manifestar-se também. Isto a curtíssima distância da edição do seu único grande trabalho.

Perto destes homens, que estruturam todo um caminho, encontramos os primeiros defensores do dilúvio, Buckland, cujos textos de 1824 e 1836 são bem conhecidos, e Wiseman. Perto, nos temas de análise, que não nos métodos de aproximação. Deixemos à ciência as suas «*coudées franches*», exclamará anos mais tarde Tournal, perserverando numa linha crítica em que muito precocemente se integrará, preconizando a independência necessária às disciplinas científicas, os seus caminhos bem afastados dos da religião revelada. Afastando, portanto, implicitamente, o compromisso de Buckland, que intitulara o seu estudo de 1836 «*Geology and Mineralogy considered with reference to natural theology*», ou o parcialismo de Wiseman («*Discours sur les rapports de la Science et de la Religion révélée*»).

Mas para outro momento ficará uma análise prolongada de esta tensão que a discussão em torno do dilúvio provocou.

Tournal, em 1833, dismistificava o *diluvium* em palavras de alcance enorme. Poucos anos depois, Boucher de Perthes fundava a Pré-História, partindo de bases que as conclusões de Tournal mostravam caducas e inaceitáveis. Mais: durante largas décadas esse mesmo dilúvio que obrigara Ziusudra ou Noé a construir a pesada barca conduzia os arqueo-geólogos a um impasse.

Entre 1800 e 1847, portanto, a descoberta das grutas com depósitos ossíferos levanta um problema teórico gravíssimo. Todos os elementos mobilizados permitiam uma conclusão. Tournal arriscou-a. Schmer-

ling também. Mas os seus pontos de chegada não foram pontos de partida. A questão, teórica, teórica continuou. No ar, uma inquietação, um «ambiente» (em breve Lyell, Darwin e Huxley torná-lo-iam ultrapassado). Se ela facilita o arranque da Pré-História, não contribui directamente para a sua estrutura. O único grande contributo (vindo de Inglaterra e notável em todos os sentidos, pelo seu tom revolucionário, pelo universo cujas portas abre de par em par) fora, sem dúvida, o do método estratigráfico para a leitura dos depósitos.

A primeira grande tendência liga-se mais especificamente à *démarche* de J. Boucher de Perthes. Numa certa medida, subentende a segunda mas as inter-relações são, repito-o, muito complexas.

Jouannet, Caumont, Picard, o objecto desta notícia, são, com John Frere, os pontos nucleares de um estranho grupo de investigadores. Frere, de importância mais do que histórica, é seguido, em Inglaterra, por um longo silêncio. O continente conhece-o mas a Arqueologia pré-histórica inglesa nascerá com Evans e enraíza-se, também, em Boucher de Perthes.

As relações entre Jouannet, Caumont e Picard, raramente mencionadas, parecem-me, também, muito interessantes.

Mas, antes de as referirmos, vejamo-los um por um.

2. JOUANNET (1765-1845)

nota bibliográfica

François-René-Bénit Vatar de Jouannet nasce em Rennes, 1765. Em princípio destinar-se-ia ao ensino e à tipografia (profissão tradicional na família Vatar). Em Paris, redactor do *Journal des Hommes Libres*, vê a polícia assaltar a tipografia onde trabalha e destruir-lhe os prelos. Seu primo, em fuga, é preso e deportado para Cayenne. Era director do *Journal* e Jouannet deixa Paris por Bordéus, onde o vemos como operário tipógrafo. Em 1803 transfere residência para Périgueux onde dirigirá uma tipografia, primeiro, e colaborará, depois, com a Universidade. Em 1816 encontra-se de novo em Bordeaux, onde começará uma longa série de estudos estatísticos, sendo em 1830 nomeado *Bibliotecário da Cidade*. Morre em 1845.

Os principais artigos de François Jouannet foram publicados pelo *Calendrier de la Dordogne*, espécie de Almanaque que, nos inícios do séc. XIX, garantia razoável difusão. Interessam, sobretudo, os números de 1814, 1817, 1818, 1819, 1834. Todos foram publicados por André Cheyner, no livro «Jouannet, grand-père de la Préhistoire», Brive, 1936. No capítulo 3 (Documents) Cheyner publica, também, duas cartas de F. Jouannet ao Conde Wilgrim de Taillefer (11 de Agosto e 19 de Dezembro de 1816), um extracto do *Musée d'Aquitaine*, Tomo III, Bordeaux, 1824, da autoria de F. Jouannet, o *Rapport Durand*, que resume o importante relatório apresentado à Academia Real de Bordeaux e, através da transcrição de Ernest Brechon (*Études Paléo-Archéologiques sur l'Age du Bronze, spécialement en Gironde*, Bordeaux, Cadoret, 1893, pp. 44 e sqq), o próprio texto de esse relatório, hoje considerado perdido. A consulta do livro de Cheyner é, portanto, indispensável para o conhecimento de Jouannet, vida e obra e os textos publicados evitam longas buscas bibliográficas.

Jouannet investigador

A polivalência de F. Jouannet (idêntica à de todos os «investigadores isolados» e à de quase todos os «pioneiros») está bem patente no juízo que sobre ele formula Cheyner: «*Ne nous étonnons pas que Jouannet ait goûté à tant de fruits de l'arbre de la science, qu'il ait été imprimeur, avocat, journaliste, romancier, poète, auteur dramatique, musicien, peintre, géologue, archéologue, numismate, statisticien, professeur de lettres et de philosophie, bibliothécaire, historien, collectionneur, enfin, préhistorien. Regrettons seulement cette dispersion de son activité. En se spécialisant il aurait pu être un savant de premier ordre — son intuition touche parfois au génie, — mais la spécialisation n'était pas dans les usages à cette époque. Plus tard, Boucher de Perthes fera, comme Jouannet, un peu de tout*».

Convém sublinhar: esta polivalência longe de ser negativa foi, ao tempo, um factor altamente positivo. Só ela permitiria, aliás, a aproximação plurilinear que os «investigadores isolados» praticam sempre em relação aos fenómenos que estudam. A convergência de ideias que beneficiará a Pré-História compreende-se, portanto, nesta linha.

François Jouannet, cujos principais textos se localizam em 1819 e 1834 (datas de publicação no *Calendrier de la Dordogne*) tem a sua principal actividade arqueológica escalonada em três etapas cronológicas:

1. 1816-1818. — identifica as grutas de Combe Grenaut, Pey de l'Azé. Descreve os materiais (silex e osso) nos *Calendriers* de esses anos.
2. 1819. — descreve os objectos líticos de Ecorneboeuf.
3. 1834. — publica as suas conclusões sobre Badegoule, onde mais tarde se reconhecerá o Solutrense.

As principais ideias de Jouannet resultam, ao contrário das de John Frere, não da intuição ou da constatação de um facto, sem interfeências visíveis do sistema cultural em que o indivíduo habitualmente se insere, mas da aplicação, em convergência, de conhecimentos distintos. Para ele, como para quase todos antes de Boucher de Perthes, são ainda os gauleses os mais antigos habitantes do território futuramente francês. Mas gauleses que utilizam a pedra (o silex):

«*Un Gaulois voulait-il se fabriquer une hache, il choisissait d'abord quelque silex le plus approchant possible de la forme désirée, puis, s'armant d'un marteau (6), il en frappait son silex, tantôt sur un côté, tantôt sur l'autre, enlevant par écailles toute la pierre inutile. À mesure que l'ouvrage avançait, les difficultés augmentaient. Pour amener la pierre au point où elle devait être avant qu'on la soumit au poli, en se fait à peine une idée du nombre et de la petitesse des écailles qu'il fallait détacher, sans offenser ni les bords latéraux ni le tranchant. Je possède deux haches portées à ce dernier degré: les parties à ménager y sont comme dentelées avec une légèreté, une délicatesse difficile à imaginer. Quelquefois, au moment de terminer, la main s'égarait, un coup malheureux enlevait trop, et la pierre était jetée au rebut. J'en trouvai plusieurs dans cet état*».

Convém uma pequena pausa a propósito do último período da nossa citação. Parece-me, com efeito, ser esta a origem dos «macha-

(6) Je dis marteau, mais peut-être l'instrument en pierre destiné à pareil usage avait une toute autre forme (nota de Jouannet).

dos esboçados» (*haches ébauchées*) de Caumont, que Casimir Picard combaterá. Com efeito, para Jouannet os bifaces não são outra coisa senão ensaios de artefactos, tentativas fracassadas para obter uma *ceraunia*. Os instrumentos «acabados» são, portanto, os que foram objecto, uma «pedra de raio» de polimento após o desbaste prévio que lhes deu origem.

Mas Jouannet apercebeu-se bem da pluralidade funcional de um instrumento. Quando certos amadores de arqueologia defendem, no nosso país, o mito da violência dominante nos homens pré-históricos parece-me acertado recordar este texto (de 1819). É que o homem da Pré-História se não era exactamente o bom selvagem idealizado por Jean Jacques Rousseau, duvidosamente seria façanhudo brutamontes de barbas perpetuamente molhadas em sangue. Tinha, em verdade, muito que fazer. Desde procurar alimento a montar abrigo, por exemplo.

Mas ouçamos F. Jouannet,

«Croyons plutôt que les mêmes espèces servirent à des usages très différents. Ainsi la flèche tournée contre l'ennemi dans les batailles poursuivait aussi l'oiseau dans les forêts, le silex aiguisé pour dépecer une proie, servait pareillement à creuser une pirogue, la hache se mêlait aux jeux d'enfance, comme à ceux de la guerre».

Por outro lado, é insistindo na tecnologia que F. Jouannet estabeleceu, em 1834, uma arbitraria divisão em duas épocas, atendendo à perfeição do trabalho de lascagem

— facas e pontas de dardo

— pontas de flecha (de trabalho mais completo)

Há assim uma noção do evoluir tecnológico, do mais grosseiro rumo ao mais perfeito. As facas e pontas de dardo

«semblent indiquer l'enfance d'un art qui s'exerçait sur des matières placées pour ainsi dire sous la main; les autres, au contraire, mieux fabriqués, et quelquefois d'une pierre venue de loin, sembleraient appartenir à une époque de perfectionnement, indiquer même des communications sociales de peuple à peuple, dès lors un plus grand développement de civilisation. Mais quel intervalle de temps sépara ces deux époques? Est-il même bien certain que nous ne prenions

- 1800 Volta: pilha eléctrica; (a 1805) Cuvier. —
 — Criação dos Liceus
 —
 1805 Schlegel. — *Considerações sobre a civilização*
 — Universidade Imperial. — Lamarck. — *Peyronelle*
 — Hegel. — *Fenomenologia do espírito*. F. Schlegel.
 — Lamarck. — *Filosofia zoológica*. Schelling
 1810
 —
 — Cuvier. — *Pesquisas sobre os ossos fósseis*
 —
 1815 (a 1822) Lamarck. — *História dos animais*
 — (e 1818) Jouannet no *Peyronelle*
 — Hegel. — *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*
 —
 — (a 1834) artigos de Jouannet no *Calendrier*
 1820
 — Hegel. — *Filosofia do Direito*
 — Champollion. — decifração da Pedra da Roseta
 —
 1825 Laplace. — último volume da *Mecânica*
 — Guizot. — *História da Revolução Inglesa*
 —
 — (a 1830) Guizot. — *História da Civilização Europeia*
 — Schlegel. — *Filosofia da História*
 1830 (a 1842) Comte. — *Curso de Filosofia Positiva*
 —
 — Morte de Hegel
 — Lei Guizot sobre o ensino primário. *Fa*
 — artigo de Jouannet sobre *Badegoule*
 1835 1.º artigo de Picard sobre arqueologia «*C*
 — Dickens. — *Pickwick*
 — França: Comissão dos Monumentos Históricos
 — Proudhon. — *O que é a Propriedade*
 —
 1840 Liebig. — *A química aplicada à fisiologia*
 —
 — Tennyson. — *Obra poética*
 — Wagner. — *O navio fantasma*. *Botta em*
 —
 1845
 —
 — Michelet. — *História da Revolução Francesa*. *J*
 —
 1850

chées) de Caumont, que Casimir Picard e Jouannet os bifaces não são outra coisa, tentativas fracassadas para obter uma «acabados» são, portanto, os que foram de polimento após o desbaste prévio que

u-se bem da pluralidade funcional de um s amadores de arqueologia defendem, no ancia dominante nos homens pré-históricos este texto (de 1819). É que o homem da ctamente o bom selvagem idealizado por ridosamente seria façanhudo brutamontes olhadas em sangue. Tinha, em verdade, rocurar alimento a montar abrigo, por

net,
mêmes espèces servirent à des usages très e tournée contre l'ennemi dans les batailles dans les forêts, le silex aiguisé pour dépecer lement à creuser une pirogue, la hache se ce, comme à ceux de la guerre».

indo na tecnologia que F. Jouannet esta- ária divisão em duas épocas, atendendo ascagem

lardo
 : trabalho mais completo)

evoluir tecnológico, do mais grosseiro rumo e pontas de dardo

nce d'un art qui s'exerçait sur des matières us la main; les autres, au contraire, mieux d'une pierre venue de loin, sembleraient de perfectionnement, indiquer même des de peuple à peuple, dès lors un plus grand 'ion. Mais quel intervalle de temps sépara 'l même bien certain que nous ne prenions

- 1800 *Volta*: pilha eléctrica; (a 1805) *Cuvier*. — *Lições de Anatomia Comparada*. John Frere. — Relatório...
 — Criação dos Liceus
 —
 —
 1805 *Schlegel*. — *Considerações sobre a civilização*
 — Universidade Imperial. — *Lamarck*. — *Pesquisas sobre a organização dos corpos vivos*
 — *Hegel*. — *Fenomenologia do espírito*. *Fichte*. — *Discurso à nação alemã*
 — *Lamarck*. — *Filosofia zoológica*. *Schelling*. — *Essência da liberdade humana*
 1810
 — *Cuvier*. — *Pesquisas sobre os ossos fósseis*
 —
 —
 1815 (a 1822) *Lamarck*. — *História dos animais sem vértebras*. *Savigny*. — *História do direito romano*
 — (e 1818) *Jouannet no Pey de l'Azé*
 — *Hegel*. — *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*
 —
 — (a 1834) artigos de *Jouannet no Calendrier de la Dordogne*
 1820
 — *Hegel*. — *Filosofia do Direito*
 — *Champollion*. — decifração da Pedra da Roseta. *Fresnel*: Teoria ondulatória da luz
 —
 —
 1825 *Laplace*. — último volume da *Mecânica Celeste*
 — *Guizot*. — *História da Rev. Inglesa*
 —
 — (a 1830) *Guizot*. — *História da Civ. Europeia, História da Civ. Francesa*
 — *Schlegel*. — *Filosofia da História*
 1830 (a 1842) *Comte*. — *Curso de Filosofia Positiva*; (a 1869) *Michelet*. — *História de França*. — *Caumont*. — *Cours d'Antiquités, 1.º vol.*
 —
 — Morte de *Hegel*
 — Lei *Guizot* sobre o ensino primário. *Faraday*: a electrólise
 — artigo de *Jouannet sobre Badegoule*
 1835 1.º artigo de *Picard sobre arqueologia «céltica»*
 — *Dickens*. — *Pickwick*
 — França: Comissão dos Monumentos Históricos. 2.º artigo de *Picard*
 — *Proudhon*. — *O que é a Propriedade*
 —
 1840 *Liebig*. — *A química aplicada à fisiologia vegetal e à agricultura*
 —
 — *Tennyson*. — *Obra poética*
 — *Wagner*. — *O navio fantasma*. *Botta em Korsabad*
 —
 —
 1845
 — *Michelet*. — *História da Rev. Francesa*. *Jacques Boucher de Perthes*, — *Antiquités, 1.º vol.*
 —
 —
 1850

- 1800 Marengo
 — Deportação dos Jacobinos
 — *Bonaparte* presidente da república italiana. Paz de Amiens
 — Revogação da Paz de Amiens
 — Estabelecimento do Império
- 1805 *Napoleão*, rei de Itália. Trafalgar
 —
 — Os franceses em Portugal
 — Abertura dos portos do Brasil
 — Anexação dos estados Pontifícios
- 1810
 —
 — Retirada da Rússia
 — *Napoleão* batido em Leipzig
 — Tratado de Fontainebleau
- 1815 Os 100 dias. Segunda restauração
 — Dissolução da Câmara «introuvable»
 — Legislação eleitoral em França
 — *Richelieu* retira-se. N. K. *Marx*
 —
- 1820 Assassinato do *Duque de Berry*. N. *Engels*
 —
 — Legislação sobre a Imprensa
 —
 — *Carlos X*, em França
- 1825
 —
 — Interdição do ensino Jesuíta
 —
- 1830 *Luís Filipe I*, rei de França. Revisão da Carta
 —
 — Ministério *Thiers-Guizot-Broglié*
 —
 —
- 1835
 — Demissão do Ministério Tripartido
 — (a 1901) Reinado de *Vitória de Inglaterra*
 —
 — Agitação em Paris
- 1840
 —
 — Morte do *Duque de Orleans*
 —
 —
- 1845
 —
 —
 — *Marx, Engels*. — *Manifesto do Partido Comunista*. República em França.
 — Dissolução da Constituinte. Supressão dos direitos de associação e de greve
- 1850
- 1800 Fundação do Banco de França. *Fichte*. — *O Estado comercial «fechado»*
 — Crise económica geral (na Europa)
 — *Savigny*. — *O direito de Propriedade*
 —
 — Promulgação do Código Civil
- 1805
 — Bloqueio Continental (decreto de Berlim)
 —
 —
 —
- 1810 (a 1817) crista do movimento longo de subida de preços
 —
 —
 —
- 1815
 —
 — *Ricardo* — *Princípios de Economia Política e Contribuição*. Até 1850, baixa de preços de longa duração
 —
 — *Zollverein*
- 1820 *Malthus*. — *Princípios de Economia Política*
 — *Saint-Simon*. — *O Sistema Industrial*
 — (a 1827) Fotografia (*Niepce*)
 —
 —
- 1825 Primeiro railway (Stockon-Darlington)
 — National & Provincial Bank
 —
 — Ceifeira mecânica *Bell*
 — Locomotiva de *Stephenson*
- 1830
 — Ceifeira *Mc Cormick* — Turbina hidráulica
 — Hélice *Sauvage*, para barco
 — *Gauss* inventa o telégrafo eléctrico
 — Midlands Bank
- 1835 Caminho de ferro na Bélgica
 — Westminster & London Bank
 — Caminho de ferro em França
 —
 — Daguerreotipia
- 1840 Sistema métrico obrigatório em França
 — Lei de protecção ao trabalho das crianças
 — Superfosfatos. Legislação, em França, sobre Cs. de Ferro
 —
 — *Morse*: 1.º telégrafo (Baltimore-Washington)
- 1845 Primeira estação de telégrafos em Inglaterra
 — Algodão-pólvora. *Proudhon*. — *Sistema das contradições económicas*
 — Nitroglicerina. Crise no abastecimento europeu
 — Decreto reduzindo o tempo de trabalho obrigatório
- 1850

pas pour différence d'époques ce qui ne serait qu'une différence de destination d'instruments?».

É curioso notar, aqui, dois pontos para além do previamente enunciado. F. Jouannet acredita que as trocas culturais (*communications sociales*) estão na génese do progresso das sociedades, noção de origens compreensíveis se recordarmos as primeiras correntes filosóficas da segunda metade do século XVIII e das primeiras décadas do XIX. Usa, também, de uma prudência que é, infelizmente, inexistente em muitos *soi-disant* arqueólogos: a diferença de destino dos instrumentos (e, portanto, as diferenças morfológicas consequentes) deve acautelar-nos quando, nas distinções entre eles, vemos indícios de épocas distintas.

A concluir, e manipulando um texto entre os primeiros escritos por F. Jouannet, acentua-se uma ideia que se repete e de origem a determinar: as mesmas necessidades, as mesmas ideias, os mesmos conhecimentos (ou a mesma *barbarie*) conduzem os homens a actos idênticos. Isto, a propósito de paralelismos com os «salvagens» americanos. Paralelismos a que voltaremos noutra lugar.

3. ARCYSSE DE CAUMONT E A PRIMEIRA SÍNTESE (1830)

nota biográfica

Arcysse de Caumont nasce em Bayeux (28/9/1801) e morre em Caen (16/4/1873).

Participa na fundação e colabora com a *Société Linéenne de Caen* durante largos anos. Trabalha então em Geologia. Com De Gerville e Le Prévot fundará a *Société des Antiquitaires de Normandie* em cujas *Memórias* colaborará. Dirige o *Bulletin monumental* da *Société Française d'Archéologie* (1834 a 1872).

1833: cria os *Congressos Científicos de França* (1.^a reunião em Caen). Seis anos mais tarde, organizará um organismo coordenador de estes congressos e manterá uma notável actividade científica até um ataque de paralisia o imobilizar definitivamente (1871).

Numerosos artigos sobre geologia, alguns sobre agricultura, estudos históricos diversos, trabalhos sobre arqueologia monumental («céltica», romana, medieval), sobre heráldica e arquitectura. Relatórios em grande número e sobre temas também arqueológicos, notícias, cartas, necrológicos. As principais revistas em que colaborou: *Mémoires de la Société Linnéenne* (Caen — a partir de 1824), *Mémoires de l'Institut des Provinces, Annuaire des cinq départements de l'ancienne Normandie, Mémoires de la Société des Antiquaires de Normandie*. Funda, dirige e colabora: *Revue Normande, Congrès Scientifiques de France* (35 sessões de 1833 a 1870 — 54 volumes publicados), *Mémoires et Annuaire de l'Institut des Provinces de France, Congrès archéologiques de France* (38 volumes de 1834 a 1872), *Bulletin Monumental ou collection de Mémoires et de renseignements sur la statistique monumentale de la France* (1835 a 1870 — 42 volumes), *Annuaire des cinq départements de l'ancienne Normandie* (40 volumes de 1835 a 1874), *Bulletin Bibliographique des Sociétés savantes des départements, contenant l'indication de leurs travaux et celle des publications individuelles qui paraissaient en province* (1851-1853), *Almanach de l'Archéologie* (5 vol.).

A primeira síntese

Quando em 1830, Arcyisse de Caumont publica o primeiro volume do seu *Cours d'Antiquités Monumentales* (7) a gestação da Pré-História acelera-se de forma inesperada.

Até este momento capital, o artigo de John Frere, as notícias de Jouannet e as pesquisas de Tournal não tinham conseguido alertar a opinião pública e criar o ambiente necessário ao aparecimento de uma nova disciplina. Caumont não fala ainda de Pré-História. Somos, destarte, e mais uma vez, remetidos aos Celtas. Mas um volume inteiro resume e ordena todos os conhecimentos até então existentes. Bem mais do que seria de esperar, o livro de Caumont é um inventário. Mas que prodigioso inventário para o tempo!

(7) *Cours d'Antiquités Monumentales*, professé à Caen, Tome 1.^{er}, Première partie, Ere Celtique, Paris, 1830.

A própria natureza deste ensaio impede-me de me alongar sobre a contribuição de Caumont. Mas resumirei três pontos que me parecem fundamentais:

a) Uma dúvida subtil matiza todo o livro. Uma citação exemplifica-a:

«Des pierres hautes différemment disposées; des tertes figurant de petites collines; des levées de terre, etc., etc... Tels furent les premiers ouvrages produits en Gaule par le besoin d'honorer l'être suprême, de perpétuer le souvenir d'un fait ou la mémoire d'un personnage illustre. Tels sont les monuments que l'on attribue généralement aux Celtes».

Parece não haver dúvidas, com efeito, que o texto de Caumont cristaliza uma suspeita a aparecer aqui e ali, em todos os trabalhos dos investigadores isolados: por certo que os Celtas são muito mais antigos do que se supunha, *mas seriam, mesmo, os mais antigos?*

Dúvida constante, repito. Mesmo em Picard, apesar da aparente certeza com que fala de *instrumentos célticos*. Presente ao longo de todo o primeiro volume de Caumont. Subjacente a algumas passagens de Jouannet. Evidente no pequeno texto de John Frere (Cf. *Documentos* publicados em apêndice).

b) Encontramos uma classificação que atende à matéria-prima dos instrumentos, que não a uma sua eventual função, e que é, evidentemente, completada por subdivisões funcionais. Caumont enumera, assim, os instrumentos que conhece num esquema que sendo *de inventário* é, também, *de sistematização*.

em pedra — punhais e facas
pontas de flecha e dardo
martelos
pedras de funda
machados

em metal — machados de bronze (e os respectivos moldes)
espadas de bronze
punhais de bronze
pontas de lança

torques
ornamentos em ouro
(medalhas e moedas)
cerâmica — (dos tumuli)

Este sistematizar encontra-se aplicado, como atitude de base, a diversas entidades. Aos monumentos de características «religiosas» ou «comemorativas» por exemplo. E, falando de *lichavens* e *dolmens*, Caumont observará «*Ce n'est pas sans quelque répugnance que j'emploie ces noms barbares tirés du celtique*» (p. 74). Na verdade, como é possível ser-se Persa?... Sobretudo decorridos trinta anos de um século XIX tão orgulhoso de suas cidades e civilização.

c) Para além da sua estrutura interna, a grande importância do livro de Caumont está na soma de conhecimentos díspares e até então dispersos que ele colecciona e põe à disposição do leitor.

Arcysse de Caumont não é um especialista e arrisca-se muitas vezes em domínios que não controla efectivamente. Mas a panorâmica que propõe espalhar-se-à por toda a França. Irá, certamente, ser lida por um indivíduo que não conhecia directamente (assim se crê) os trabalhos de Jouannet. E, de essa leitura, Casimir Picard tirará uma boa lição. Que não será, porém, a definitiva, a de Boucher de Perthes, o primeiro a defender a existência concreta de um período pré-céltico. E a escrever

«*Nous parlons d'un temps au-delà des temps, au-delà de toutes les traditions. À défaut de monuments, il faut bien se contenter de leur poussière, et en absence des individus eux-mêmes, de la trace qu'yon laissée leur pas*». (*Antiquités*, vol. I, Cap. IX, 164)

4. CASIMIR PICARD

nota bio-bibliográfica

N. 16/XII/1806 (Amiens). Cursa medicina. Instala-se em Abbeville em 1828. Colabora activamente com a *Société d'Émulation d'Abbeville*. Funda a *Société Linnéenne du Nord de la France* (que não sobreviverá ao seu desaparecimento). Morre aos 34 anos, em 1841.

A sua investigação dirige-se, sobremaneira, no campo da flora («*Observations botaniques sur le genre «Sonchus», 1834; «Étude sur les géranées qui croissent spontanément dans les départements de la Somme et du Pas-de-Calais», 1837; «Rapport sur la culture du Polygonum Tinctorium et l'extraction de l'indigo», 1838-1840; etc.*) e da fauna da região (*Histoire des mollusques terrestres et fluviatiles de département de la Somme*) e «*Mémoires sur les dérivations dans le genre «Unio» pour servir à en rendre la détermination plus facile*», ambos publicados pela Sociedade Lineu para o Norte da França).

Para além de pequenas notícias, pouco mais há a recensear, além dos dois únicos artigos sobre Arqueologia que foram publicados nas Memórias da Sociedade de Emulação de Abbeville respectivamente em 1834-1835 e 1836-1837: *Notice sur des instruments celtiques en corne de cerf* e «*Mémoire sur quelques instruments celtiques*».

Estes dois trabalhos não surgem no vazio mas antes se inserem no ambiente geral da Sociedade de Emulação, extremamente favorável no seu conjunto. Com efeito, em 1834, Ravin apresentara uma comunicação sobre uma piroga «gaulesa» que fora encontrada, protegida pela turfa, em Estreboeuf (Saint-Valéry-sur-Somme). Pouco antes da sua morte, Trullé comunica verbalmente a Picard a sua descoberta da técnica de encabamento usada nos machados «célticos» em corno de veado (de onde o primeiro artigo de Picard). Tudo tornava, portanto, natural que o interesse empírico dedicado à Arqueologia pelos homens da Sociedade conduzisse mais à frente. O que aconteceu.

Entre 1828, data da instalação de Picard em Abbeville, e o momento da sua nomeação para Arquivista da Sociedade de Emulação devemos procurar o estabelecimento de relações cordiais entre ele e Jacques Boucher de Perthes.

Em 1847, quando se publica o primeiro volume das *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes*, Picard morrerá há seis anos.

Boucher de Perthes escreve, a abrir:

«...le docteur Picard, a donné dans le même volume (o de 1835, das *Mémoires de la Société d'Émulation*) une notice sur un ornement en dents de sanglier, découvert près de Picquigny (8), et sur quelques

(8) O que não é, aliás, verdade. Trata-se de uma das muitas confusões de Boucher de Perthes.

gaines de haches appartenait également à l'époque celtique. J'avait vivement engagé M. Picard à finir son travail et, pour en faciliter les moyens, j'avais fait faire plusieurs fouilles qui n'avaient pas été improductives quand une mort hélas! trop précoce l'enleva à la science et à ses amis.

Les matériaux que j'avais réunis, je n'ai pas voulu les laisser sans emploi. M. Picard ne pouvant plus les mettre en oeuvre, j'ai tenté de le faire; j'ai continué les recherches commencées».

É a única informação concreta que possuímos sobre as relações científicas dos dois investigadores. Mas as próprias palavras de Boucher de Perthes levam-nos a pensá-las mais nítidas que os textos deixam entrever.

A contribuição de Picard

«O sr. Jouannot (sic), quando procura na sua memória explicar o fabrico dos machados polidos, parece considerar todos os que o não são como refugo de um primeiro trabalho; para ele, são simples esboços, que uma pancada desajeitada, uma lasca mal retirada, tornaram inúteis para o que quer que fosse. Apesar de esta opinião ter prevalecido, e parecer geralmente aceite, estou longe de a compartilhar, acreditando, pelo contrário, que os grandes machados ditos esboçados, estão completamente acabados e perfeitamente prontos para o uso a que eram destinados.»

Assim, Casimir Picard nos introduz no seu pensamento. E raras vezes um investigador do século XIX, trabalhando em Arqueologia pré-histórica, terá exposto tão decidida e claramente os seus esquemas de raciocínio.

Os artefactos que Jouannet (e Caumont na sua peugada) considerara apenas como refugo, como resultantes de um lapso no *processus* do trabalho da pedra, são para Picard, e indiscutivelmente, utensílios *acabados* e operacionais. Porque

1. estatisticamente a população de machados não polidos é muito superior à de machados polidos (50 para 1, calcula Picard)
2. os machados não polidos são quase todos de grandes dimensões, ao contrário dos polidos

3. nunca (ou só ocasionalmente) se encontram machados semi-polidos

4. a forma destas pedras é espatular

5. esta forma é resultado evidente de uma intenção deliberada.

E dos três primeiros pontos, Picard conclui: «sempre que o polimento começou, foi levado até ao fim». E enumera, em favor da sua interpretação, outros factos que a reforçam

1. «a forma desses machados é constante»

2. as «dimensões» (a morfologia) permitem fácil prensão.

Parece-me haver aqui uma evidente premonição da importância da ciência estatística aplicada à referência dos objectos líticos pré-históricos (Lubbock, neste ponto, será decisivo) e uma afirmação que préfigura uma outra, bem posterior, de F. Bordes: os utensílios pré-históricos apresentam esta ou aquela forma não por acidente mas como resultado de uma procura deliberada.

Picard viveu antes da própria palavra *Pré-História* ser inventada. F. Bordes representa, para nós, um século depois, um considerável salto em frente no que se refere ao estudo correcto da totalidade dos artefactos dos níveis de uma estação e à possibilidade de exactas e prontas comparações das percentagens dos diversos tipos (graças aos histogramas e gráficos cumulativos). Mas, em ambos, esse tão necessário bom-senso. Por vezes, um pouco de reflexão paciente, acompanhando um raciocínio ágil, não poucos dislates evita.

Casimir Picard, sem o saber, abria aos investigadores o conhecimento do tradicional e mais conhecido dos utensílios paleolíticos: o biface.

Até neste momento, de significado maior, os objectos considerados como de feitura humana mais remota eram quase todos neolíticos ou calcolíticos. A partir desta intervenção, a Pré-História conta com novos elementos e perspectivas extremamente amplas e estão abertas.

Boucher de Perthes quando, dez anos após, fundar a Pré-História fá-lo num contexto muito tempo insuspeitado.

Por certo, se Picard não tivesse existido Boucher de Perthes não escreveria as *Antiquités*. Mas não exageremos: a época *exigia* a invên-

ção da Pré-História. Se não fora Boucher de Perthes, outro, muito provavelmente, o teria feito, alguns anos mais tarde. E talvez os começos da nossa ciência tivessem sido menos vacilantes. Mas esse é tema a desenvolver noutro lugar. Fica-nos a admirável lição das escassas dezenas de páginas assinadas por Picard. Lição de modéstia, tranqüila exibição de inteligência e bom-senso a não esquecer.

5. DO ARTIGO DE JOHN FRERE (1800) AO PRIMEIRO VOLUME DAS ANTIQUITÉS (1847)

Em 1797 numa carta a John Brand (9), Secretário da Sociedade dos Antiquários de Londres, John Frere entrevê um novo mundo.

A propósito das pedras encontradas em Hoxne, no Suffolk, e das suas condições de jazida afirma peremptoriamente

1. «são, evidentemente, armas de guerra, fabricadas e usadas por um povo que não conhecia o uso dos metais» (Cf. Apêndice Documental, 1)
2. encontram-se «num solo estratificado»
3. estavam associadas a «uma enorme queixada de animal desconhecido, ainda com os dentes implantados» e um fêmur
4. «A situação em que as armas foram encontradas pode levar-nos a referi-las a um período verdadeiramente muito remoto, anterior mesmo ao nosso tempo (even beyond that of the present world)»
5. «A situação da jazida levar-nos-ia a concluir que este foi o lugar da sua manufactura e não o de um depósito accidental».

Temos portanto, nestes pontos que escolhi, as sumamente importantes (e acertadas observações do inglês).

Reconheceu John Frere, e pela observação, essa censura elementar entre a Idade da Pedra e a dos Metais, estabeleceu uma seqüência estratigráfica na qual localizou os seus achados, remeteu a sua manu-

(9) Publicada em Londres, no volume de 1800 de *Archeologia*.

factura para «período verdadeiramente muito remoto, anterior mesmo ao nosso tempo».

Sem dúvida a Pré-História poderia ter nascido aqui.

Mas tal não aconteceu. A queixada era de elefante (de espécie realmente anterior aos tempos históricos) e, só por si, argumento de peso, mas John Frere deixou-se convencer pelas críticas dos seus contemporâneos, que lhe garantiam tratar-se... de um dos elefantes trazidos pelos Romanos. E o nascimento da Pré-História foi mais uma vez adiado.

Em França forma-se, porém, um ambiente propício ao aparecimento de uma disciplina que estude a antiguidade do primitivo povoamento da Europa. Jouannet e Tournal têm alcance diverso. Se o último se manterá sistematicamente numa linha de grande interesse, o primeiro, cujos trabalhos pareciam destinados ao esquecimento, vem a sobreviver de uma forma tão inesperada como definitiva na síntese de Caumont.

Paralelamente a este caminho, que conduz de Jouannet e Caumont a Picard e Boucher de Perthes, um outro, não menos importante, se estrutura. Nele vemos Tournal e Schmerling, com Marcel de Serres, de um lado. De outro, Wiseman, Buckland e uma certa tendência que, aparentemente antitética, será o estímulo suficiente (mas não desencorajante) para outra parte.

Casimir Picard, o esquecido médico de Amiens, identifica núcleos, publica mesmo a imagem de um, com plano visivelmente preparado. Pela primeira vez se fala em machados *não-polidos*, os nossos *bifaces*. Com este homem, que morrerá demasiado cedo, conviverá Jacques Boucher de Perthes, o futuro autor do romântico *Sous Dix Rois*. Presidente da *Société d'Émulation d'Abbeville*, Boucher de Perthes protegerá, primeiro, e interessar-se-á, depois, pelos trabalhos do colega.

Que este convívio foi decisivo, não restam hoje dúvidas. Mas que é com Boucher de Perthes o verdadeiro começo da Pré-História, que a Pré-História não parece devido aos seus esforços, que a primeira investigação inglesa, a de Evans, parte do seu trabalho, seria parcialismo deplorável esquecer.

Com Aufrère, sublinhemos o papel de Picard, mas tenhamos presente a prodigiosa aventura de B. de Perthes, os seus erros e as suas

espantosas intuições, a sua coragem nunca desmentida. Os seus fracassos também.

Este ensaio subentende uma continuação: é necessário explorar os caminhos de Tournal, M. de Serres, Schmerling, dos próprios Buckland e Wiseman. Compreender o que há de profundamente inovador nos três volumes das *Antiquités*. Este é, evidentemente, estudo que me proponho continuar.

Paris, Verão de 1972

DOCUMENTOS

1. John Frere. *Relatório sobre as armas líticas descobertas em Hoxne no Suffolk*
2. Casimir Picard. *Machados ditos «esboçados»*
3. Tábua cronológica

1.

Relatório sobre as armas líticas descobertas em Hoxne no Suffolk. Por John Frere, Esq. F.R.S. e F.A.S. Numa carta ao Rev. John Brand, Secretário [da Sociedade dos Antiquários de Londres]

Lida em 22 de Junho de 1977 (10)

Senhor,

Tomo a liberdade de lhe pedir que apresente à Sociedade algumas pedras encontradas na paróquia de Hoxne, no condado de Suffolk, que, se não são em si próprias objectos dignos de particular interesse, o merecem, contudo, pelo local em que foram encontradas. Ver as Estampas XIV e XV.

Penso que são, evidentemente, armas de guerra, fabricadas e usadas por um povo que não conhecia o uso dos metais. Encontram-se em grande quantidade, a cerca de 12 pés de profundidade, num solo estratificado que foi escavado com o fim de procurar argila para se fabricar tijolos.

Os estratos dispõem-se da seguinte maneira:

1. Terra vegetal, com a espessura de pé e meio
2. Argila, 7 pés e meio
3. Areia misturada com conchas e outros restos marinhos, 1 pé
4. Solo pedregoso, onde as pedras foram encontradas, geralmente a uma média de 5 ou 6 por jarda quadrada, 2 pés

Neste mesmo estrato são frequentemente encontrados pequenos fragmentos de madeira, em perfeito estado quando são retirados do solo mas que se decompõem

(10) Publicado em *Archaeologia*, Londres, 1800, tradução de M.F.M.

rapidamente, uma vez expostos ao ar; e no estrato de areia (N.º 3) foram encontrados alguns ossos bastante invulgares, nomeadamente uma enorme queixada de animal desconhecido, ainda com os dentes implantados. Cheio de curiosidade, tentei vê-la mas vim a descobrir que tinha sido levada para a casa de um cavalheiro das redondezas e, perguntando-lhe eu por ela, soube que a oferecera, juntamente com um fémur encontrado no mesmo lugar, a Sir Ashton Lever, pelo que, provavelmente, se encontra agora no Museu Parkinson.

A situação em que as armas foram encontradas pode levar-nos a referi-las a um período verdadeiramente muito remoto, anterior mesmo ao nosso tempo (*even beyond that of the present world*); mas sejam quais forem as conjecturas a esse respeito, será difícil explicar como é que o estrato no qual jazem se encontra coberto por um outro que, tal como é, se pode supor ter sido outrora o fundo do mar ou, pelo menos, a praia. A situação de jazida levar-nos-ia a concluir que este foi o lugar da sua manufactura e não o de um depósito accidental; e o seu número era tal que o encarregado da obra dos tijolos me disse que antes de ter sabido que eram objectos de interesse, tinha esvaziado cestos deles nos sulcos deixados pelas rodas na estrada vizinha. Pode-se pensar que as camadas se formaram devido a inundações que tiveram lugar em diferentes períodos e que trouxeram, em sucessão, os diferentes materiais que as formam; ao que somente acrescentarei que o solo em questão não fica na base de um terreno superior, mas pelo contrário ele próprio se sobrepõe a uma porção de terreno pantanoso que se estende sob a quarta camada; de tal modo que será mais razoável pensar que as torrentes arrastaram consigo as camadas horizontais e deixaram simplesmente a terra pantanosa, do que concluir que esta foi coberta por aquelas, especialmente porque as camadas se dispõem horizontalmente e apresentam as margens viradas para as terminações abruptas do solo superior (camada superficial).

Se pensa que o acima exposto vale uma notícia à Sociedade, fará o favor de a apresentar

Com grande respeito,
Sou, Senhor,
Seu fiel e humilde criado,
John Frere

2.

Casimir Picard. — Machados ditos *esboçados* (11)

Encontramo-la de quase todas as dimensões mas os pequenos são bastante raros e os grandes a tal ponto comuns que, em certas localidades, os podemos recolher em número elevado. Assim o Sr. conde Alexis de Gourgues, que reside no Périgord, pôde, numa extensão de terreno bastante restrita, recolher várias centenas.

(11) Publicado nas Memórias da Sociedade de Emulação de Abbeville, 1836-1837, pp. 235-238, tradução de V.S.G.

O exame de vários exemplares de esses machados, que devo à gentileza do Sr. de Gourgues, e a observação atenta de alguns outros, encontrados na nossa região, sugeriram-me as reflexões que se vão seguir.

A forma destes machados é, para a maioria, espatular; a parte mais larga sofreu arrancamentos de lascagem bastante grandes, mostrando assim um gume sinuoso e, no entanto, acerado. descrevendo um arco de círculo sinuoso de aproximadamente três polegadas de diâmetro; a outra extremidade, mais espessa, reduzida a mais ou menos duas polegadas de largura, é também resultante de lascagem, mas sem que os bordos sejam ondulados. Quase sempre, pelo contrário, esta extremidade é truncada, de forma que é impossível um engano sobre o lado que deve ser considerado o gume. A superfície, na sua totalidade, é irregular e resultou do arrancamento de lascas de grande dimensão.

Estes machados, de peso considerável, de grande comprimento e cujas faces nos mostram tantas angulosidades, nunca puderam ser encabadas, a menos que os supo-nhamos encaixados em fortes paus graças à utilização de buchas preenchendo os intervalos irregulares existentes entre a pedra e a madeira.

Objectar-se-á que não só seria absurdo admitir um seu encabamento como acreditar que esses fragmentos de pedra, informes para olhos não treinados, foram alguma vez qualquer coisa mais que esboços.

O Sr. Jouannot (sic), quando procura, na sua memória, explicar o fabrico dos machados polidos, parece considerar todos os que o não são como refugio de um primeiro trabalho; para ele, são simples esboços, que uma pancada desajeitada, uma lasca mal retirada, tornaram inúteis para o que quer que fosse.

Apesar de esta opinião ter prevalecido, e parecer geralmente aceite, estou longe de a compartilhar, acreditando, pelo contrário, que os grandes machados ditos *esboçados*, estão completamente *acabados*, e perfeitamente prontos para o uso a que eram destinados.

Para apoiar esta asserção, é necessário notar: 1.º que a proporção dos machados polidos em relação aos ditos *esboçados* é comparativamente muito pequena. Acredito nada arriscar afirmando que para um machado *acabado* encontramos cinquenta que o não são; 2.º que os machados *esboçados* são quase sempre de grandes dimensões, que poucos são os pequenos; 3.º que nunca, ou pelo menos só muito raramente, se encontraram machados semi-polidos; que as pedras trabalhadas são ou grosseiramente *esboçadas* ou perfeitamente *polidas* (12); 4.º que essas pedras têm forma espatular e, conseqüentemente, apresentam uma extremidade larga e, outra, mais estreita; 5.º que essa forma, sendo geral, não é de modo algum, accidental mas o resultado de uma intenção evidente.

Podemos concluir, das três primeiras observações, que sempre que o polimento começou, foi levado até ao fim: a dificuldade a vencer só poderia derivar, com efeito, do tempo [necessário a essa conclusão] e nunca o tempo significou muito, entre os povos

(12) Nota de Picard: «Os arrancamentos de lascagem (*éclats*) que, com frequência, desfeiam os mais belos machados polidos resultam ou da utilização ou de acidentes sofridos após a sua conclusão».

ainda jovens. Quanto à natureza dos materiais utilizados e à suposta imperfeição da mão-de-obra, veremos, na continuação de este trabalho, que os Celtas tinham levado a arte de trabalhar as pedras duras, ou pelo menos o silex, a tal perfeição que com justiça se poderia espantar a indústria actual.

É, portanto, impossível acreditar que uma tão numerosa quantidade de pedras tenha sido apenas esboçada. Onde está, com efeito, esse indesejado negativo que as transformou em refugo? Onde encontrar traço da incapacidade do artesão? Longe de descobriremos tal, apenas bastaria continuar o trabalho indicado por M. Jouannet (sic) para obter a partir de cada uma dessas pedras um machado perfeitamente idêntico aos que conhecemos.

Nesse pretendido abandono, há, portanto, uma intenção, a tal ponto evidente que a não podemos ignorar.

Se é certo que a forma de esses machados é constante e consequentemente intencional, que as dimensões permitem que a mão as possa segurar por uma extremidade, de forma a deixar livre a parte aguçada, porque não concluir que esses machados, perecendo grosseiros, são contudo, trabalhados com um certo cuidado, que foram *acabados* e também que são tão próprios a desempenhar a sua função como os que apresentam o mais perfeito polimento?

Para que poderiam servir estas pedras? Quanto a mim, estou persuadido que eram armas, a merecer verdadeiramente o nome de *casse-tête*.

Seguras na mão, a sua superfície áspera impedia-as de escorregar e de se escapar e na posse de homens de grande força muscular, combatendo quase nus e em corpo-a-corpo, tal arma devia ser formidável. Até mesmo a forma sinuosa ou franjada do gume devia torná-la mais terrível, uma vez que as feridas que ele originava deviam ser contusas, irregulares e, consequentemente, perigosas.

Sabe-se, aliás, que em todas as nações ainda na infância, não é suficiente pôr a inimigo fora de combate, mas pretende-se, sobretudo, que ele pereça e a irregularidades das feridas foi sempre considerada como uma circunstância própria a conduzir rapidamente à morte ou, pelo menos, a resultados bem desagradáveis.

Nota do A. à tradução do texto de Casimir Picard

Seria desejável que os primeiros textos sobre os utensílios pré-históricos fossem traduzidos de forma tanto quanto possível literal. Por infelicidade, certas expressões são usadas com uma inegável fluidez, os conceitos não tendo ainda adquirido uma significação normalizada. Daí certos artificios, necessários para as tornar entendíveis.

Um exemplo: *Éclat* foi traduzido, geralmente, por *negativo*, apesar de ser outro, hoje, o seu sentido usual. É que, ao tempo de Picard, a *lasca* (*éclat*), como artefacto, não existia ainda. Devemos, portanto, identificar os mecanismos de pensamento-palavra usados pelo autor e recuperar a sua intenção.

No caso presente *negativo* refere uma ausência, um *não-ser* que é, em si mesmo,

a razão de uma nova *entidade*. No *processus*, dois momentos, distintos, numa sequência recentemente objecto de múltiplas análises:

- um acto — a lascagem
- um resultado duplo — a lasca
 - o negativo (resultante, no núcleo, da extracção da lasca)

Convém, aliás, explicitar que a conotação lasca-utensílio é, em termos rigorosos, absolutamente injustificada. Na verdade, uma lasca pode inserir-se numa de três possibilidades, porque é possível de obter

- *intencionalmente*, para um uso específico (instrumental)
- *intencionalmente*, como processo de desbaste de uma massa lítica que será posteriormente usada como utensílio
- *acidentalmente*, por choque, não dirigido, de duas ou mais massas líticas.

No primeiro caso, temos o *nstrumento*, no segundo o *refugo* resultante da preparação de um instrumento, o terceiro inclui os *jeux de la nature* que enganaram, durante largos anos, bastos arqueólogos.

Negativo é, por certo, palavra de aquisição bem recente no vocabulário arqueológico. Moderno, o vocábulo. O conceito, se bem que incorrectamente verbalizado, existe, pelo menos, desde o período dos *investigadores solados*.

Para traduzir a ideia de lascagem, Picard usa diversas expressões:

«La partie élargie est éclatée en écailles assez grandes», escreve ele (nas citações, o itálico é meu), p. 234. Mais adiante, usa termos de absoluta modernidade: «La totalité de la surface est irrégulière, elle a été complètement formée par l'enlèvement d'éclats». Em nota à p. 236, nota-se bem a irregularidade de este modernismo: «Les éclats qui gâtent souvent les plus belles haches polies sont le produit ou de l'usage ou d'accidens survenus à ces instrumens après qu'ils ont été terminés».

A tradução procurou responder a esta fluidez.

No 1.º caso — *A parte alargada sofreu arrancamentos de lascagem bastante grandes*

No 2.º caso — *A superfície, na sua totalidade, é irregular e resultou do arrancamento de lascas*

No 3.º caso — *Os negativos que, frequentemente, desfeiam os mais belos machados polidos resultam ou da utilização ou de acidentes sofridos após a sua conclusão*

TÁBUA CRONOLÓGICA estabelecida sobretudo no que respeita à evolução política, económica e cultural da França durante o período 1800-1850 mas com referência a acontecimentos considerados de importância e ocorridos fora dela (*)

(*) Consultados:

JEAN DELORME. — *Chronologie des Civilisations*, 3º ed. refondue et augmentée, Paris, P.U.F., 1969

GEORGES DUPEUX. — *La société française, 1789-1960*, 5º ed, Paris, Armand Colin, 1964

JEAN-ALAIN LESOURD, CLAUDE GÉRARD. — *Histoire Economique XIXº et XXº siècles*, T. 1, 4º ed, Paris, Armand Colin, 1963

CHARLES MORAZÉ. — *Os burgueses à conquista do Mundo*, Trad. port., Lisboa, Cosmos, 1965

